

CAFÉ, CIÊNCIA E SUSTENTABILIDADE: uma experiência de educação ambiental no ensino superior

Victor Hugo de Oliveira Henrique; Francisco Laércio Pereira Braga²

¹Professor da Universidade Estadual do Ceará, Coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação ambiental, Diversidade e Ensino (GEPEEADEn/Fecisc/Uece).

victorhugo.henrique@uece.br

²Professor da Universidade Estadual do Ceará, Coordenador do Grupo de Estudos Econômicas e Financeiros Sustentáveis (GEEFS/Fecisc/Uece) – laercio.braga@uece.br

Introdução

Vivemos a Era do Antropoceno, caracterizado sobretudo pelo impacto que o ser humano tem causado nos ecossistemas. Estamos observando um desenvolvimento econômico que tem modificado de forma alarmante as condições climáticas no planeta, num movimento de globalização e exploração do ambiente que não tem considerado os limites das fronteiras planetárias.

Como fruto da discussão do Antropoceno, surgiu o conceito do Capitaloceno, que neste caso, leva em consideração o poder de destruição que não provém da atividade humana em abstrato, mas de sua organização capitalista (MOORE, 2016). Nessa direção Moore (2016) ainda apresenta que não somos todos iguais, por isso é preciso responsabilizar de maneira diferente os culpados pela destruição ambiental, afinal, um trabalhador da periferia prejudica de forma diferente quando comparado com um empresário do agronegócio.

Nesse sentido, compreende-se a educação ambiental (EA) como uma tática de resistência e uma via para reverter esse cenário. É importante que ela esteja presente em todos os níveis de ensino, como é apresentado na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) (Brasil, 1999). No que tange o ensino superior, foco desse trabalho, defendemos que a EA deve estar presente tanto nos cursos de licenciaturas (formação de professores) quanto nos cursos de bacharelado, contribuindo assim, com a formação de profissionais ambientalmente críticos e reflexivos.

Assim, o objetivo deste trabalho, consiste em relatar a experiência de uma atividade de campo, promovida pelo Grupo de Estudos Econômicas e Financeiros Sustentáveis (GEEFS) e pelo Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Ambiental, Diversidade e Ensino (GEPEEADEn), ambos vinculados aos cursos de Administração e Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Integradas do Sertão de Canindé (Fecisc/Uece).

Metodologia

A atividade de campo foi realizada com os discentes dos cursos de Administração e Pedagogia, membros do GEPEEADEn e do GEEFS, totalizando 15 discentes, ela aconteceu no dia 14 de novembro de 2025 e possuía como objetivo proporcionar aos estudantes, uma

vivência rural sustentável, estabelecendo um diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais dos produtores de café sustentável.

O itinerário da atividade consistiu no Sítio São Roque, em Mulungu – CE e no Sítio São Luiz, em Pacoti – CE. Ambos os sítios estão inseridos na Rota Verde do Café¹. O Sítio São Roque é um recanto ecológico com 320 hectares situado numa área de conservação ambiental serrana, a 105km de Fortaleza. Lá é produzido o Café de Sombra desde 1903. Este café é cultivado de maneira única à sombra das árvores nativas, garantindo uma bebida rica e saborosa (Mulungu, s/d). Já o Sítio São Luiz, de acordo com o Ecomuseu de Pacoti (s/d), teve por primeiro proprietário em 1858, o Cel. João Pereira Castelo Branco, baturiteense, filho de Manuel Felipe Castelo Branco e Izabel Gomes da Silveira, irmã do Tenente Gonçalo Gomes da Silveira, de grande atuação no meio político, econômico e social da região nas primeiras décadas do século XIX.

O Sítio São Luís tem hoje uma área remanescente de 210 ha, com mais 40 ha de mata preservada e alguns núcleos de mata nativa totalmente intacta. Conserva ainda antigos roçados de café, alguns com mais de cem anos de idade, mas não produz mais café (Jucá, 2014).

Resultados e Discussão

A aula de campo em educação ambiental é uma ferramenta pedagógica essencial que transforma o aprendizado teórico em vivência prática, sensibilizando alunos sobre questões ambientais reais. Ela promove a conscientização crítica, interdisciplinaridade, observação direta da natureza e o desenvolvimento de atitudes sustentáveis, superando as limitações da sala de aula (Henrique e Bambi, 2024), pode-se evidenciar por meio do relato de um dos participantes da atividade:

Acredito que para educação, a rota do café nos mostra como a atividade de campo é fundamental para aprender sobre cultura local, ambiental e familiar, onde, é dever da educação passar essas heranças de pai para filho. [Membro do GEPEEADEn/Fecisc/Uece]

No relato também é apresentado a importância da transmissão dos saberes tradicionais, tais saberes geram a cultura popular, que por sua vez está permeada pelas tradições, que caracterizam as comunidades humanas. O mesmo discente, quando questionado sobre o momento mais significativo:

Acredito que a aula da herdeira do sítio São Roque, onde ela conta toda a trajetória e conquista da família, ela também aponta as dificuldades o que faz perceber como é fundamental esses conhecimentos herdados para uma educação cultural. [Membro do GEPEEADEn/Fecisc/Uece]

Esses saberes são transmitidos pela oralidade; a observação das atitudes cotidianas dentro da comunidade e a memória são o mecanismo cognitivo que permite a perpetuação da cultura e da história de um povo (Córdula, Nascimento e Nascimento, 2014).

¹ A Rota verde do Café no Ceará localiza-se na Serra de Baturité, região que abriga a maior Área de Proteção Ambiental do Estado, com mais de 32.690 hectares de natureza preservada. Este cinturão verde é a morada do renomado Café de Sombra, cultivado à sombra das florestas nativas, com práticas sustentáveis que contribuem para a preservação ambiental da região. Desde 1822, a tradição cafeeira segue viva, cultivada artesanalmente por pequenos produtores, garantindo um café 100% arábica de qualidade superior.

Em relação a contribuição para a educação ambiental e educação para sustentabilidade, o relato nos apresenta:

[A aula] Contribuiu para o melhor entendimento sobre o processo produtivo do café e a relevância da sustentabilidade nesse processo, como também para o meio ambiente [Membro do GEEFS/Fecisc/Uece].

E ainda,

Sim, entendi sobre os processos agroflorestais, no caso esse sistema produtivo de café prevalece no sítio São Roque, que contribuir para a melhor otimização da produção, como também para a conservação da biodiversidade [Membro do GEEFS/Fecisc/Uece].

De acordo com Dorneles e Reis (2017), o sistema agroflorestal aliado à educação ambiental transforma áreas produtivas em laboratórios vivos, promovendo a reconexão com a natureza, a produção de alimentos sustentáveis e o ensino prático de ecologia. Esses sistemas agroflorestais (SAFs) diversificam a produção, recuperam solos, eliminam agrotóxicos e ensinam crianças e comunidades sobre sustentabilidade, como os discentes puderam evidenciar no Sítio São Roque, que produz o Café Sombreado por meio do sistema agroflorestal.

Além da contribuição ambiental, os discentes também apontaram a contribuição para a formação profissional, considerando que a proprietária do Sítio São Roque, que foi quem recebeu os grupos, é formada em administração e possui mestrado, como é possível observar por meio do relato:

Contribuiu em conhecer na prática uma vivência de uma administradora formada que usa de inovações em seu trabalho. É importante também para vivenciar a pesquisa da universidade que faço parte [Membro do GEEFS/Fecisc/Uece].

A partir das atividades de campo, observamos que os discentes se envolveram muito mais com a temática ambiental, proporcionando a formação de uma prática reflexiva com uma dimensão social e ambiental.

Conclusão

A aula de campo se apresenta como uma tática pedagógica eficaz, pois contribui para transformar a percepção dos estudantes em relação aos problemas locais decorrentes da ação humana. Nesse contexto, as atividades realizadas em campo favoreceram a promoção e a construção de diálogos, gerando reflexões e questionamentos sobre o papel da sociedade frente às questões ambientais, tanto em âmbito local quanto global, abordadas ao longo das aulas.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Café Sustentável. Educação ambiental no ensino superior.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 abr. 1999.

CÓRDULA, E. B. L.; NASCIMENTO, M. E. C.; NASCIMENTO, G. C. C. Cultura, folclore e os saberes tradicionais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, nº 21, 10 de junho de 2014. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/21/cultura-folclore-e-os-saberes-tradicionais> acessado em 10 de abril de 2026.

DORNELES, A. B.; REIS, A. T. S. A agrofloresta como ferramenta pedagógica: Uma análise de duas experiências de Educação Ambiental em escolas públicas do Distrito Federal. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018.

ECOMUSEU DE PACOTI. **Sítio São Luís**. s/d. Disponível em: <https://www.ecomuseu.com.br/trilhas-de-pacoti/sitio-sao-luis/> acessado em 10 de abril de 2026.

HENRIQUE, V. H O.; BAMPI, A. C. Educação Ambiental para a conservação de nascentes: um relato de experiência na Educação Básica. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, nº 31, 27 de agosto de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/31/educacao-ambiental-para-a-conservacao-de-nascentes-um-relato-de-experiencia-na-educacao-basica> acessado em 10 de abril de 2026.

JUCÁ, L. **Pacoti, História & Memória**. Editora Premium, 2014.

MOORE, J. **Anthropocene or Capitalocene?** Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland, PM Press, 2016.

MULUNGU. **Sítio São Roque**. Prefeitura de Mulungu, s/d. Disponível em: <https://www.mulungu.ce.gov.br/pontosturisticos.php?id=3> acessado em 10 de abril de 2026.

